

**4.1.****Introdução**

Rica em recursos naturais, e tendo como principais atividades econômicas a agricultura e o turismo, a região de Bergama foi a primeira da Turquia a receber investimentos na mineração de ouro. Ela preserva ruínas arqueológicas em grande número, da antiga *Pergamon*, pequena cidade grega, que, ao lado de Alexandria e Antioquia, foi um dos principais centros culturais do Helenismo, com sua famosa biblioteca. Também havia um centro de saúde, Asclepion (a região é rica em águas termais). Atualmente, é o quinto destino turístico mais visitado na Turquia.

A região é rica em metais preciosos. Possui atividade sísmica, pois se localiza em uma zona que concentra grande número de falhas geológicas ativas. Em 1938, um terremoto de escala 6.5 na escala Richter devastou a região. A mina de ouro de Ovacik, motivo do conflito a ser analisado, situa-se em uma área de floresta de 100 hectares entre os vilarejos de Ovacik, Çamkoy e Narlica, e fica a 7 km de Bergama (vide figuras no Anexo 5). Conhecida por suas oliveiras que remontam à Antiguidade, sua vida selvagem e beleza natural, tem uma população de aproximadamente 15000 cidadãos distribuídos por 17 vilarejos. A maior parte deles vive da agricultura, pois a região é caracterizada por terras férteis. Os camponeses, mantendo tradições de séculos, têm produzido substancialmente azeite de oliva, algodão, figos, semente de pinheiro, uvas, lã e tabaco, ao lado de uma vasta variedade de frutas, vegetais e outros produtos agrícolas e animais para sustentar um estilo de vida rural. A água subterrânea da região é usada para irrigação e consumo.

O investimento da Eurogold na mina de ouro de Ovacik suscitou um conflito ecológico distributivo local. O lapso temporal selecionado para sua análise tem início em 1989 e finda em 2007. Ressalte-se que o marco inicial não se refere ao início do movimento social de Bergama, mas à entrada formal da companhia mineradora na região, quando é autorizada a realizar escavações em

busca de ouro no país. O conflito pode ser periodizado em três fases distintas (vide linha do tempo no Anexo 4). Na primeira, que vai de 1989 a 1996, principiou-se a organização do movimento social, num momento em que as reuniões populares ainda não tinham caráter de protesto ou desobediência civil, pois predominava a busca por uma solução institucional para o embate de opiniões sobre o projeto da mina. Até 1992, não haviam sido feitas quaisquer intervenções no local onde seria instalada a mina, uma vez que se realizavam estudos e se procedia ao licenciamento da atividade. Cumpre asseverar, contudo, que os participantes do movimento em regra situam o surgimento de sua luta no ano de 1990. No período entre 1992 – com as primeiras intervenções na área para a construção da mina – e 1996, se acentuaram as críticas ao investimento, aumentou a organização dos habitantes locais, como também teve início a estratégia litigiosa coletiva. Já neste período, verificam-se articulações transnacionais com ONGs e redes de ativismo, com reflexos nos debates de instituições européias, o que será analisado no próximo capítulo.

A segunda fase, entre 1997 e 2002, é marcada pela maior politização, na medida em que a via jurídica não se mostrava suficiente para interromper a construção da mina ou impedir seu funcionamento. O período se caracteriza por intensos protestos, mobilizações, coalizões, assim como pela grande exposição do movimento na mídia. Sucessivas decisões judiciais contrárias à operação da mina foram descumpridas ou contornadas pelas autoridades do Executivo. Deste modo, a terceira fase, de 2003 a 2007, representa o declínio das mobilizações políticas. Enquanto os processos judiciais são constantemente prolongados por recursos do governo, aos habitantes só resta esperar pelo cumprimento dos julgados. Em 2005, a mina é vendida para uma companhia nacional. O local experimenta sua decadência, à medida que emigra parte da população, e a desesperança assola os aldeões que tanto se mobilizaram, sem por fim alcançarem seu objetivo.

#### **4.2. Origens do conflito (1989-1996)**

Com a liberalização da economia turca, o governo modificou sua legislação relativa à mineração a fim de atrair investimentos estrangeiros. Foi a ação estatal que “criou” o mercado de mineração de ouro: com a edição da lei de mineração nº

3213, de 1985, encorajou companhias estrangeiras a investirem na Turquia<sup>1</sup>. Posteriormente, a maioria das limitações remanescentes sobre direitos de exploração e extração mineral – como o requerimento de que as corporações estrangeiras operassem em parceria com empresas nacionais – foi gradualmente extinta ao longo da década de 1990. Em 1994, ocorreu a privatização dos empreendimentos mineradores estatais.

A companhia limitada E.M. Eurogold Madencilik recebeu, em agosto de 1989, autorização para a prospecção de ouro (licença para exploração mineral e escavação) no país, concedida pelo Ministério de Energia e Recursos Naturais. A Eurogold – um empreendimento conjunto de empresas multinacionais de mineração<sup>2</sup> – encontrou depósitos de ouro na região do mar Egeu, tendo obtido permissões do Ministério das Minas e do Ministério das Florestas em julho e em agosto de 1991, respectivamente. Em fevereiro de 1992, o Ministério da Energia e dos Recursos Naturais concedeu à companhia uma licença de operação para a mina de Ovacik, válida por dez anos.

A chegada da Eurogold representa a *glocalização* de uma atividade extrativa poluente e de intensa exploração de recursos naturais; a Turquia é mais um país que se abre a um mercado global rentável. O ouro, *commodity* de alta cotação nos mercados globais, que desde a antiguidade é símbolo de riqueza e prosperidade, a partir dos anos 1990, passou a ser considerado o tesouro da Turquia, um dos maiores trunfos para o desenvolvimento econômico do país. O projeto de Bergama era visto como o caso de teste para futuros investimentos na indústria de mineração turca. As reservas de ouro da Turquia tendem a estar localizadas relativamente próximo à superfície, o que tornaria os custos de produção relativamente baixos em comparação a outras partes do mundo. Este “grande

---

<sup>1</sup> Embora a mineração de ouro não fosse explorada na Turquia desde as operações de mineração do império Otomano em 1850, a Turquia representa uma grande parcela no setor de consumo de ouro. As explorações científicas de reservas de ouro no país começaram na república, na década de 1930, quando todas as atividades de mineração foram gradualmente nacionalizadas. Contudo, o setor minerador em geral tinha uma baixa performance, pois carecia de investimentos e planejamento estratégico. Apesar das evidências de grandes depósitos de ouro, nenhuma mina foi estabelecida ou planejada até o estabelecimento da Eurogold (Arsel, 2005). Outras companhias estrangeiras foram atraídas para o novo mercado. Em 1992, foram concedidas 499 licenças de exploração, 48 de pré-operação e 40 de operação.

<sup>2</sup> Uma *joint venture* da Mine Or S.A. – ramo relativo à exploração aurífera da La Source, sociedade entre Normandy Mining Group (Austrália) e BRGM (França) – com a Inmet Mining Corporation (Canadá).

capital natural da Turquia” seria mesmo do país e de seus habitantes, ou estaria nebulosamente nas mãos dos mercados globais?

O impacto geral de todas estas regulações [de liberalização do setor de mineração] foi a fusão da mineração na Turquia, especialmente o setor há muito dormente de metais preciosos – com os negócios globais de mineração. Embora a demanda por e o preço do ouro flutuem significativamente ao longo do tempo, existe uma contínua demanda por ouro nos mercados internacionais. Portanto, o ouro não é somente uma *commodity* global que encontra aceitação por toda a economia mundial, como também é uma força globalizante na medida em que o capital internacional está em constante busca por novas locações para a extração do ouro. A Eurogold em si é emblemática da natureza global dos negócios de mineração. (Arsel, 2005:265-266)

A organização da cadeia produtiva e do mercado de ouro é feita em escala global, ou seja, supraterritorial. Trata-se de um mercado altamente concentrado, sob o controle de poucas companhias transnacionais, embora suas atividades se espalhem em cada vez mais locais do planeta. O processo de mineração de ouro usa grandes quantidades de água e pode contaminar os lençóis aquíferos para outros usos, como o consumo humano. A mineração desse metal é uma das indústrias mais poluidoras do mundo e “deixa atrás de si enormes mochilas ecológicas e contaminação com mercúrio e cianureto” (Martinez-Alier, 2007:146)<sup>3</sup>. Para cada anel de ouro, de 18 a 20 toneladas de resíduos tóxicos são em média produzidas. Enquanto uma pequena quantidade é comprada por investidores ou usada na eletrônica, mais de 80% do ouro extraído vai para a confecção de jóias. Torna-se cada vez mais difícil encontrar grandes reservas auríferas: três quartos daquelas conhecidas já foram exploradas; portanto, a mineração de ouro atualmente implica um grande impacto para se obter pequenas quantidades. Acentue-se que o ouro não é um recurso renovável, mas é reciclável. Todavia, de todo o ouro em uso ou armazenado, dois terços são recém-extraídos:

O preço do ouro faz com que se mantenha lucrativa a abertura de novas minas, inclusive com baixo teor de minério, na ordem de um ou dois gramas por tonelada de material extraído. O ouro persiste por muito tempo. Mas o estoque existente no mundo, incluindo as reservas depositadas nos bancos centrais, não parece satisfazer os desejos da humanidade, existindo pressão para a abertura de novas minas, não para substituir o ouro que tenha sido gasto, para acumular novas reservas. Por que os bancos não vendem o ouro que possuem? (Martínez-Alier, 2007:146)

---

<sup>3</sup> Mochilas ecológicas são definidas como “a soma de todos os materiais que não são fisicamente incluídos no resultado econômico sob consideração, mas que são necessários para a produção, o uso, a reciclagem e o descarte” (Spangenberg *et. al*, 1999, p. 15 *Apud*. Bartelmus, 2002, p. 9).

Inserido neste panorama, o conflito de Bergama diz respeito à exploração de uma *commodity* territorial a ser extraída do local para destinar-se à exportação (apesar de o país importar ouro). O embate sobre o uso do solo confronta o projeto de mineração com uma atividade milenar na região, a produção agrícola, também geradora de *commodities* territoriais. A linguagem de *commodities* parece igualar ouro a alimentos; mas nada revela acerca da essencialidade, da renovabilidade, e do impacto ambiental inerentes a tais produtos. Considere-se ainda o curto prazo dos contratos: a mina deveria operar só por oito anos, embora seus resíduos possam permanecer para sempre no local de exploração. A resistência de Bergama, como tantas outras, indica a vontade do “local” de ter influência neste tipo de decisão, que não caberia apenas a governos nacionais e a instâncias globais privadas e intergovernamentais. A luta é contra a marginalização do lugar.

Todavia, inicialmente, o investimento contou com a empatia das comunidades próximas, trazendo a promessa de empregos e desenvolvimento econômico, além de obras como uma nova mesquita e um centro comunitário; a companhia não havia divulgado o método de extração a ser utilizado na mina. Não tardou para que, sob a liderança do prefeito Sefa Taskin da cidade de Bergama, os aldeões buscassem maiores informações sobre a futura operação. O projeto então passou a ser alvo de resistência a partir da publicização, por parte de alguns acadêmicos, cientistas e pesquisadores, dos possíveis efeitos nocivos do método de lixiviação com cianeto, além do histórico ambiental notoriamente “sujo” da Normandy Mining (Koçan e Öncü, 2001)<sup>4</sup>. Observe-se, porém, que o cianeto já era usado na mineração de prata e em outras indústrias na Turquia<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup>Desde o final do século XIX, o cianeto é usado como reagente na mineração do ouro. Até hoje considerado o lixiviante mais eficiente para processos de extração em larga escala, ele responde por mais de 90% do ouro anualmente extraído no mundo. O cianeto é altamente tóxico para os seres humanos, sendo a vida aquática especialmente sensível a este grupo de compostos de carbono e nitrogênio, produzido naturalmente por muitas plantas e microorganismos em quantidades mínimas, não-prejudiciais. Embora em altas concentrações seja letal para diversas espécies, o uso do cianeto é defendido porque este rapidamente se degrada em formas menos ou não-tóxicas por processos físicos, químicos e biológicos. A questão é controversa, na medida em que o cianeto também torna solúveis outros metais como o arsênio, níquel, ferro, manganês, chumbo, zinco, urânio, mercúrio, cádmio, que também podem vazar e contaminar a água e o solo. Estes não se desintegram naturalmente como o cianeto, constituindo uma ameaça de longo prazo – se acumulam em tecidos vivos e são transmitidos ao longo da cadeia alimentar. As pesquisas sobre reagentes alternativos de menor toxicidade ainda estão em desenvolvimento, enquanto o cianeto permanece sendo, ao menos economicamente, mais competitivo. A indústria mineradora argumenta que, em operações bem-planejadas e adequadamente gerenciadas, o cianeto pode ser utilizado de forma segura sem risco significativo para a vida humana e o meio ambiente. Sem embargo, diversos acidentes e vazamentos ocorridos nas duas últimas décadas provocaram, além

Muitas companhias utilizam o cianeto para extrair ouro ao redor do mundo, mas os críticos argumentam que o processo representa riscos graves para o meio ambiente. O uso de materiais altamente tóxicos e seu descarte, geralmente em grandes reservatórios de água de escoamento, são considerados perigosos devido à possibilidade de rachaduras nas barragens de resíduos, que podem levar à contaminação da água e de terras agrícolas. A preocupação de que a Turquia, ávida por investimentos, relaxasse os padrões ambientais e a fiscalização, é perfeitamente compreensível, dado o histórico de sua política ambiental e das práticas das grandes companhias de mineração de ouro. Toda a desconfiança de fato se justifica em vista dos impactos negativos em diversos lugares do mundo, seguindo os esquemas característicos do sistema-mundo moderno/colonial. Atualmente, três quartos do ouro extraído vêm dos países em desenvolvimento, onde as companhias transnacionais exibem práticas mais destrutivas, em termos sócio-ambientais, do que em sua operação nos “países desenvolvidos”, com dois pesos e duas medidas. Os impactos são a poluição da água, o deslocamento de comunidades pobres e rurais e o dano a modos de vida “tradicionais”<sup>6</sup>.

Entretanto, nos países em desenvolvimento, a mineração aurífera não tem diminuído a pobreza das populações. A maioria das grandes minas modernas fica na superfície e emprega poucas pessoas, geralmente com baixos salários e em condições ruins. As minas podem ser altamente lucrativas, mas as localidades raramente têm benefícios; não raro, causam danos permanentes às comunidades e ao meio ambiente. A mineração de ouro também tem estado vinculada a conflitos,

---

da reação de comunidades locais afetadas, campanhas de ambientalistas e comunidades em rede pelo fim da mineração com cianeto – por exemplo, as campanhas No Dirty Gold, disponível em <<http://www.nodirtygold.org>> e Gold Busters, <<http://www.rainforestinfo.org.au/gold/platform.htm>>.

<sup>5</sup> O cianeto é um composto venenoso produzido tanto como cianeto de hidrogênio como cianeto de sódio. Cerca de 80% do cianeto de hidrogênio é usado na produção de plásticos e 85% do cianeto de sódio é usado na indústria de mineração. A Turquia usava, em 1996, cerca de 2000 toneladas de cianeto anualmente. Segundo a Eurogold, somente 270 toneladas seriam necessárias para o projeto de Ovacik. Informações da reportagem do *Turkish Daily News*, “Wealth or health: Eurogold struggles against skeptics”, de 10 de junho de 1996. A questão controversa, contudo, não é o cianeto em si, mas sua forma de utilização: na mineração, ele é usado a céu aberto, em grandes áreas, o que não ocorre em indústrias químicas, como na produção de plásticos.

<sup>6</sup> Entre 1995 e 2015, aproximadamente metade do ouro do mundo terá sido extraído de terras de povos indígenas, em grande parte sem seu consentimento. Informação da reportagem da BBC, “Gold mining ‘hits’ poor countries”, de 11 de maio de 2006.

“seja em resultado de luta pelo controle de recursos preciosos ou por divisões dentro de comunidades afetadas pela mineração” (CAFOD)<sup>7</sup>.

A resistência de Bergama consiste em mais uma expressão do ecologismo dos pobres. O governo e a companhia mineradora trataram a instalação da mina de Ovacik como uma questão meramente técnica, sobre a qual os camponeses não poderiam se pronunciar, por não terem conhecimento suficiente. Ocorre que pessoas leigas não são ignorantes em relação ao que é realmente arriscado, “em vez disso, elas empregam um tipo de racionalidade mais amplo e rico, e tomam em consideração questões como justiça e equidade, custos e benefícios, coesão social e futuras gerações, além de porem em jogo seus valores” (Tesh, 2000 *Apud*. Orhan, 2006:695). Em Bergama, a prefeitura realizou seminários para difundir os riscos e acidentes prévios, de modo que a população passou a se reunir nos cafés da cidade, “universidades abertas” que recebiam professores de fora<sup>8</sup>. As primeiras mobilizações também tomaram a forma de piqueniques nos campos e coletivas de imprensa. Especialistas contribuíram crucialmente para a percepção de risco do povo local e dos líderes do movimento (Orhan, 2006):

Os cientistas disseram que o ouro seria levado para fora do país e deixar a terra e a água subterrânea contaminadas por cianeto, e que nada ficaria vivo em um raio de 30 km ao redor da mina. Afirmaram que o processo de lixiviação com cianeto ativaria outros metais pesados, como arsênio, chumbo, mercúrio e cádmio, que destruiriam a terra para sempre. Além disso, uma falha geológica que passa por Kaynarca, a apenas 1,5 km da mina, representava um risco de terremoto que poderia ser catastrófico (Üstun Reinart)<sup>9</sup>.

Na realidade, a comunidade científica mostrou-se dividida. De um lado, 210 cientistas e muitas câmaras técnicas profissionais declararam apoio ao movimento<sup>10</sup>. De outro, os grupos favoráveis à operação da mina representavam os “interesses de mineração nacionais e internacionais, autoridades do governo, alguns acadêmicos dos departamentos de engenharia de minas de universidades turcas e um grupo de políticos nacionalistas” (Orhan, 2006:702). Se os conhecimentos tradicionais sobre a terra foram enfatizados pelos aldeões, também

<sup>7</sup> Conforme a reportagem da BBC, “*Gold mining 'hits' poor countries*”, de 11 de maio de 2006.

<sup>8</sup> A título de exemplo, ocorreram acidentes com cianeto, na década de 1990, nos seguintes países: EUA, Equador, Guiana, Peru, Filipinas, África do Sul, Quirguistão. De 2000 a 2006, acidentes ocorreram em Gana, nos EUA, na Romênia, na China, na Espanha, em Papua Nova-Guiné.

<sup>9</sup> Texto de Üstun Reinart disponível no site em apoio ao movimento: <<http://www.geocities.com/siyanurlealtin/foreignlinks.html>>.

houve o apelo à ciência para contestar o discurso cientificista e os relatórios em favor do empreendimento. O recurso a especialistas foi ainda uma forma de legitimação do movimento. Assim, os ativistas expressam que a ciência e a tecnologia não são tão absolutas e reconfortantes como o discurso modernizante do governo pretende retratar. Apontam não só para os riscos, como também para o dissenso na comunidade científica: em meio a soluções alternativas, a escolha de uma tecnologia não é politicamente neutra. A mensagem do movimento é de que a população deve ter voz, não só os especialistas; a demanda é pela democratização, contra a governança de cima para baixo:

Ano 2001, e a produção de ouro com cianeto ainda está sendo discutida. No país e no mundo, os cientistas ainda estão em desacordo [sobre o assunto] e as respeitáveis instituições do país discordam sobre uma questão vital que afetará a saúde humana e ambiental. Como os cidadãos defendem seu direito à vida, em quem devem confiar, quem irá colocá-los em ação? Nós, portanto, desconsiderando quais sejam as opiniões dos cientistas, sem qualquer consolo, tentamos fazer o que acreditamos ser certo. Nós os respeitamos, todos devem ter uma opinião, esta opinião pode ser uma opinião importante. Entretanto, se esta opinião traz a questão do nosso direito à vida, de alterar a mão-de-obra da terra, sem participação direta em uma decisão relacionada ao nosso futuro como uma questão atual, então nós pensamos que os cidadãos deveriam ter o direito de resolver isto por si mesmos (Ativista de Bergama em discurso na conferência “*Gold Production in the World and Bergama*”, 2001. Middle East Technical University, transcrição p. 17 *Apud*. Konak e Gunes, 2003:14).

O discurso do risco informou todo o movimento (Arsel, 2003) – risco não só à integridade ambiental como também à saúde pública: “Nós não queremos este risco. A Eurogold usará nosso ar e nossa água, pegará nosso ouro, e, quando for embora após oito anos, nós ficaremos com o fardo do veneno” (Sefa Taskin *Apud* Kemer, 2004:16). Segundo Arsel (2003), o alvo da retórica do movimento era o composto de cianeto em si. A maioria dos ativistas hesitaria em denunciar o tradicional papel do ouro em suas vidas, como ornamento e reserva econômica (Arsel, 2003). No argumento do autor, a agitação local ter-se-ia originado principalmente a partir das propriedades simbólicas do cianeto. Cumpre aqui discordar desta constatação, na medida em que tal processo de atribuição de significado se baseia em experiências de comunidades prejudicadas pelo uso do

---

<sup>10</sup> Informação obtida em consulta ao site em apoio ao movimento, disponível em <<http://www.geocities.com/siyanurlealtin/foreignlinks.html>>.



cianeto da mineração<sup>11</sup>. Afinal, “se houvesse meios ambientalmente seguros de extração de ouro, os componentes do movimento aceitariam” (Arsel, 2003:17).

Dois desdobramentos teriam permitido que o movimento usasse efetivamente o discurso do risco ambiental (Arsel, 2003). Em primeiro lugar, o programa de liberalização econômica implicou a diminuição dos subsídios agrícolas, com a conseqüente erosão do poder de compra de agricultores de pequena escala como os de Bergama, em momento de inflação rompanete. Conquanto a economia registrasse níveis recordes de crescimento, a distribuição de renda piorou, e as redes de seguridade social desmoronaram. Predominava, entre os aldeões, o sentimento de vulnerabilidade frente ao mercado global. O segundo evento foi o desastre de Chernobyl. Separada da Ucrânia pelo Mar Negro, a Turquia foi diretamente exposta à precipitação radioativa. A área mais afetada foi a região de cultivo de chá ao Norte da Turquia. O país foi então tomado por um debate sobre a segurança de se beber “chá radioativo”; mas a produção do chá, bebida preferida da população, era objeto de monopólio estatal:

Investigações subseqüentes revelaram que o Estado turco e o governo Ozal ocultaram a verdadeira extensão dos riscos à saúde pública envolvidos no consumo de produtos da região do Mar Negro (relatório do Greenpeace). Imagens de proeminentes políticos bebendo chá em frente às câmeras de televisão se tornaram emblemáticas da difícil relação entre ciência, risco e política. Até hoje, os ativistas de Bergama freqüentemente invocam este incidente para argumentar que a regulação das instalações da Eurogold estaria igualmente carregada de interesses políticos e econômicos (Arsel, 2003:26).

De todo modo, a avaliação do risco integrou o processo de licenciamento da atividade. Como parte do requerimento de licença feito ao Ministério do Meio Ambiente em 1991, a companhia preparou voluntariamente um estudo e um relatório de impacto ambiental, já que estes instrumentos ainda não estavam previstos na legislação turca. Em junho de 1992, a companhia começou a cortar árvores na área florestal que lhe foi garantida. Após a aprovação de uma legislação nacional sobre o Estudo de Impacto Ambiental – EIA, em 1993, a companhia se comprometeu a observar as novas exigências legais<sup>12</sup>. Em outubro

---

<sup>11</sup> Por exemplo, um prefeito da região de Edremit queria fazer um seguro para sua municipalidade contra os riscos iminentes da mineração de ouro com cianeto. A companhia de seguros se recusou a oferecer cobertura, argumentando que o dano certamente ocorreria e, assim, não poderia ser objeto de seguro. (Lemke, 2000).

<sup>12</sup> Como novos limites de descarga de resíduos, a serem depositados em barragem de resíduos delimitada por argila e uma geomembrana plástico especial à prova de vazamento.

de 1992, uma reunião pública foi realizada como parte das preparações para o relatório de impacto ambiental. Durante a reunião, o público criticou, dentre outras coisas, o corte de árvores e o uso de explosivos, bem como de cianeto de sódio; também expressou preocupações sobre a possibilidade de infiltração da água de lixiviação nos suprimentos subterrâneos de água. Os especialistas presentes foram questionados a respeito da barragem de resíduos, os riscos no caso de vazamento e o estado em que a mina ficaria após seu fechamento. Em particular, houve reivindicações por um referendo e para que as medidas de segurança necessárias fossem tomadas.

No ano seguinte, dois incidentes, ocorridos no início da construção da mina, contribuíram para aumentar a resistência local. Perfurações de caráter exploratório deram à água de abastecimento local uma aparência leitosa, tornada imprópria para consumo humano, e vários habitantes receberam tratamento hospitalar com distúrbios estomacais e dores de cabeça. A isso se seguiram explosões controladas no terreno, quando muitas famílias de duas aldeias relataram rachaduras em suas casas, mas a Eurogold novamente alegou inocência (Arsel, 2003).

Também em 1993, o sucesso de uma resistência paralela teve conseqüências importantes para o conflito de Bergama. No Golfo de Edremit, a companhia Tüprag (Eldorado – Canadá) havia obtido uma permissão na mesma época que a Eurogold para extrair ouro com cianeto. Contudo, em 1990, a cidadã turca Birsal Lemke fundou a *Citizens' Initiative HAYIR (No) against gold-mining projects*. A casa de Lemke era o escritório informal da campanha, e seus recursos financeiros a principal fonte de recursos. Ela havia estudado Ciência Política em Ankara e nos EUA, e viveu na Alemanha por dez anos, tendo se casado com um alemão; depois, entre 1987 e 1990, ela participou do Partido Verde da Turquia. Lemke convenceu os agricultores da localidade a resistir ao projeto; ela persuadiu 13 prefeitos, levando-os à Alemanha para mostrar-lhes a reserva da biosfera em Rhein como exemplo de alternativa para suas municipalidades. A ativista e mediadora Birsal Lemke também participou da campanha de Bergama, mas obteve sua primeira vitória em Edremit. Os camponeses de Bergama ainda não haviam mostrado interesse na proposta da ONG Izmir Environmental Lawyers de representá-los na luta contra a Eurogold, enquanto os camponeses de Küçükdere, em Edremit, eram muito entusiastas sobre contatar pessoas influentes de modo a

impedir a atividade mineradora. Eles fundaram a iniciativa *Güzel Edremit Körfezi Bekçileri* (Guardiões do Belo Golfo de Edremit).

Após uma estratégia transnacional bem-sucedida na Alemanha, a ser descrita no próximo capítulo, uma reunião na aldeia de Küçükdere originou uma declaração endereçada a ministros e ao Parlamento, demandando a prevenção de um provável desastre ecológico. O resultado desses esforços foi o cancelamento das licenças para o projeto de Küçükdere pelo ministro do Meio Ambiente, em maio de 1993. O exemplo impulsionou a estratégia litigiosa e os atos de desobediência civil em Bergama (Kadirbeyoglu, 2004), de maneira que a concessão, pelo Ministério do Meio Ambiente, de licença de operação à mina, em outubro de 1994, foi questionada judicialmente. Os residentes de Bergama e aldeias vizinhas – 794 pessoas – peticionaram à Corte Administrativa de İzmir. As causas dos aldeões passaram a ser defendidas em caráter voluntário pelos advogados da ONG Izmir Environmental Lawyers, principalmente por Senih Özey.

Na linha do discurso da companhia e do governo, os habitantes do local não seriam capazes de avaliar riscos, tampouco teriam o direito de rejeitar um método já utilizado em outros lugares, nem o de “emperrar” o desenvolvimento nacional. Nesta lógica, se o uso do cianeto é feito em escala global, o local não pode recusar. Sua temporalidade é excluída, seu conhecimento sobre a terra é desconsiderado, ou mesmo visto como obstáculo à modernização. Neste esquema de acumulação por despossessão, perante a degradação dos recursos naturais que proviam seu sustento, esses camponeses podem ser sujeitos a condições de vida marginais num ambiente urbano que vêm como hostil e desumano. Assim, perderiam sua independência, garantida pela produção de seu próprio alimento:

Se fossemos nos mudar para a cidade, o que comeríamos, o que beberíamos? O que seria de nós? Nós nunca conseguiríamos sobreviver em uma cidade. No campo, nós vivemos com o suor de nossas fronteiras, nós vivemos com honra. Mesmo pessoas que nascem na cidade enfrentam tantas dificuldades lá. Nós desapareceríamos. Nós nos tornaríamos nada. Seria o nosso fim. Porque nós conhecemos a terra, e nada mais (Ayşe Kurhan, 55 anos, em entrevista a Reinart, 2003:2).

Eles sentiam estar perdendo o controle sobre suas próprias vidas. Assim, a mobilização política dos camponeses não é só uma luta por recursos materiais, mas também sobre identidades culturais – eles queriam continuar camponeses, vivendo da terra. Como afirmou o líder Oktay Konyar acerca deste modo de vida:

“nós não desaparecemos, uma história inteira não desapareceu, uma cultura não desapareceu” (Konyar, 2001). Deste modo, seus defensores fundamentaram o pedido de anulação especialmente nos riscos de contaminação das águas subterrâneas e de destruição da flora e fauna locais, bem como no risco à saúde e à segurança humanas. O pleito foi rejeitado pela Corte Administrativa em julho de 1996, quando esta afirmou que a mina cumpria os critérios estabelecidos pelo relatório de impacto ambiental, tendo a decisão administrativa sido adotada conforme o procedimento de autorização para projetos ambientalmente “sensíveis”. Um mês antes, o 60º festival internacional de Bergama, além das atrações musicais, havia promovido uma conferência sobre o uso do cianeto na mineração de ouro.

A companhia, após as reclamações dos habitantes, apresentou medidas adicionais de segurança e dialogou com a prefeitura sobre as queixas dos habitantes (barulho de explosões, poeira e transporte pesado), tendo encontrado “soluções que teriam sido aceitas pelos acionistas e pelo público”<sup>13</sup>. De modo geral, o discurso da Eurogold girava em torno dos seguintes argumentos: o método é usado em outros lugares do mundo, inclusive pelas companhias da *joint venture*; a produção traria benefícios econômicos nacionais e locais; a Turquia não atrairia mais capital estrangeiro se a extração não começasse rapidamente; não haveria riscos significativos, e o método seria usado de forma segura; a mina de Ovacik seria a mais “ecológica” do mundo. O diretor-geral da Eurogold, Jack M. E. Testard, declarou-se determinado a manter boas relações com o público, que seria beneficiado com 340 empregos diretos, de preferência para os moradores<sup>14</sup>.

As estratégias de publicidade envolveram anúncios de grande escala nos jornais nacionais (Orhan, 2006), bem como o envio de material publicitário aos moradores. Posteriormente, a Eurogold tentou ganhar o apoio dos aldeões construindo pontes, salões de casamento e cisternas. Os aldeões acusaram a

---

<sup>13</sup>Entre as novas medidas de segurança, estariam o tratamento dos resíduos por um processo de desintoxicação para reduzir o cianeto na solução a níveis insignificantes – a água não fluiria da barragem de resíduos para a área do entorno, mas retornaria para a usina de processamento para ser reutilizada. Soluções propostas para os “incômodos”: máquinas silenciosas; explosões uma vez ao dia, que evitassem produzir poeira excessiva; a terra seria umedecida também para evitar poeira; os caminhões circundariam os vilarejos; e árvores seriam plantadas em torno da mina para que os residentes não pudessem ver a cratera. Informação da reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Wealth or health: Eurogold struggles against skeptics”, de 10 de junho de 1996.

<sup>14</sup> Informação da reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Wealth or health: Eurogold struggles against skeptics”, de 10 de junho de 1996.

companhia de usar tais investimentos para dissipar a oposição local<sup>15</sup>. As construções foram depois objeto de boicote pelo movimento. Segundo Arsel (2003), por trás da forte antipatia dos ativistas em relação à Eurogold, está um sentimento de desconfiança e traição. Os três primeiros quadros de direção quase não falavam a língua turca, nem entendiam a cultura local<sup>16</sup>. Também houve muitas denúncias de subornos e negociações injustas com a comunidade.

Nesta fase, as relações dos moradores de Bergama com órgãos estatais se caracterizam pelas tentativas de diálogo e de solução institucional do conflito. Conforme a demanda imediata dos habitantes, a mina não deveria ser implementada, com base na rejeição ao uso do cianeto. A demanda é direta: proteger seus lares, terras e água, mantendo o meio ambiente saudável para si e seus filhos (Kemer, 2004).

Segundo Arsel (2003), os objetivos do movimento – demanda mediata – seriam os seguintes: em primeiro lugar, uma mudança no modo como a política é conduzida; em segundo lugar, melhores normas e regulações para governar o processo de modernização; em terceiro lugar, a responsabilização de todos os atores envolvidos no projeto de modernização, ou seja, a sujeição de políticos, empresários e cientistas ao escrutínio público (Arsel, 2003). Deste modo, a demanda mais ampla é por democratização (Koçan e Öncü, 2002; Çoban, 2004). Exige-se um governo legítimo, diante da falta de confiança generalizada entre a população em relação a políticos e burocratas do Estado. Os ativistas expressam que o governo está pilhando o país – não seriam líderes honestos, nem ouviriam as demandas do povo. Eles acusam um vazio de autoridade reguladora, e trazem um discurso de transformação. Representam o Estado como incapaz de cumprir seu papel, razão pela qual, dizem, precisam agir por si mesmos (Arsel, 2003). A mobilização das bases ainda não é organizada, na ausência de lideranças claras, logo o processo de articulação do movimento ainda estava em sua infância. A mobilização se dá de forma mais sistemática e organizada na fase seguinte.

---

<sup>15</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Eurogold tries to soften the blow”, de 23 de agosto de 1996.

<sup>16</sup> Em seus esforços para ganhar o debate, que variaram desde de entregar chocolate em portas de Mesquitas a fornecer comida de graça durante o mês do Ramadã, os administradores da Eurogold demonstraram uma “incrível ingenuidade e arrogância” (Arsel, 2003:21).

### 4.3.

#### O movimento social de Bergama (1997-2002)

A segunda fase do conflito, após o início da construção da mina, marca um momento em que a via jurídica é percebida como insuficiente para avançar a luta dos aldeões, já que é contornada pelo governo. Trata-se de uma fase de maior politização e difusão. Caracteriza-se por protestos, mobilizações diversas, coalizões nacionais e transnacionais e maior exposição do movimento na mídia. Por outro lado, a Eurogold também esteve bastante presente na mídia, não só por conta de publicidade paga, como também pelas perspectivas de investidores anunciadas em jornais nacionais e estrangeiros. A desobediência civil se desenvolve como estratégia do movimento, sendo antes um terreno pouco explorado no país. A estratégia jurídica segue em paralelo à mobilização política, mas a causa obtém uma série de decisões favoráveis no judiciário interno que são reiteradamente rejeitadas e descumpridas por autoridades do Executivo. Assim, os traços de um movimento social ficam bem-delineados: tem-se um ator social coletivo, com reivindicações coletivas, orientado para a mudança na política de desenvolvimento, que realiza uma ação extra-institucional, é dotado de organização e continuidade, e se sustenta em uma identidade coletiva e crenças compartilhadas.

Os habitantes se depararam com uma estrutura de oportunidades fechada no âmbito nacional. Conforme explicitado, a Turquia, especialmente vulnerável após a crise financeira de 1994, buscava investimentos diretos estrangeiros, e o governo colocava grande ênfase na exploração de suas reservas de ouro para o desenvolvimento nacional. Além disso, o Estado mantinha práticas e disposições legais remanescentes da ditadura militar para restringir e reprimir resistências civis. Uma resistência deste tipo não era comum: a sociedade civil turca, principalmente em áreas rurais e com menor nível de educação, respeita e teme enormemente a autoridade, o que poderia ser explicado como uma tradição de 700 anos de oligarquia, do Império Otomano (Kemer, 2004).

Todavia, alguns fatores contribuíram para que a insatisfação popular se transformasse em resistência organizada. Conforme Arsel (2005), incluíam a localização, a economia local e a tradição religiosa. Em relação à primeira:

A província de Izmir é uma das regiões mais modernizadas do país e habitualmente figura no topo do ranking educacional e econômico em pesquisas nacionais, e mais importante, está livre dos conflitos sectários e étnicos que assolam a Anatólia central e sudeste. Estes fatores tendem a fornecer solo fértil para movimentos social-democratas. Também ajudam a explicar a relativa complacência das forças de segurança em relação às várias manifestações organizadas pelo grupo (Arsel, 2005:271).

Quanto à economia, as aldeias que lideraram o movimento (como Çamköy, Pinarköy, Narlica) eram relativamente prósperas graças, em grande medida, ao algodão rentável e ao cultivo de azeitonas<sup>17</sup>. Isto possibilitou que a presença da Eurogold não fosse vista estritamente em termos de criação de empregos, e permitiu que os aldeões dedicassem tempo ao movimento (Arsel, 2005). O fator religioso, embora não tenha figurado no discurso público da resistência, é enfatizado por alguns autores como propício à mobilização (Arsel, 2003; 2005; Ignatow, 2007). Em cinco das principais aldeias ativistas, predomina a tradição alevi<sup>18</sup>. O Alevismo pode ser descrito como um sistema de crenças não-ortodoxo, holístico, humanístico e místico com partidários em Anatólia. Nesta teologia, o amor a deus, à natureza e às relações humanas é extremamente importante,

“todavia, os Alevis se diferenciam da maioria sunita da Turquia não somente por seu estilo de vida e crenças religiosas, como também por uma cultura política de esquerda, abrangendo desde a extrema esquerda até a social democracia moderada” (Schüler, 2000 *Apud*. Pusch, 2005:138-139)

A crença alevi é caracterizada pela postura política progressiva e pela coesão social das comunidades, o que teria dado à resistência “um quadro sólido e confiável de membros com uma consciência apurada de assuntos envolvendo justiça social” (Arsel, 2005:274). O ativismo de Bergama envolveu alevis e não-alevis. A influência do perfil descrito não é de se descartar, mas a identidade do movimento nunca foi expressamente associada à religião. Neste sentido:

Muitos alevis se tornaram bastante ativos na cena ambiental. O exemplo mais proeminente é o movimento de Bergama [...] (Arsel, 2003). Embora estes agricultores sejam de origem alevi e alguns acadêmicos se refiram a um ambientalismo alevi politicamente ativo, estes agricultores não vêem seu ativismo ambiental como parte de sua identidade alevi. Eles estão protestando contra a

<sup>17</sup> De acordo com a câmara de comércio de Bergama, a produção anual de algodão, tabaco, tomates e azeitona no distrito de Bergama era, em 1997, igual a 42 milhões de dólares (EUA), 7 milhões a mais que o investimento total da Eurogold (Taskin, 1997 *Apud*. Çoban, 2004:443).

<sup>18</sup> Os Alevis são devotos de Ali, primo e cunhado do profeta Maomé, e representam a primeira grande divisão no mundo islâmico. Compõem entre 15 e 25 por cento da população turca, diferem em seus rituais, e são menos rígidos sobre questões como o uso de véus e jejuns (Ignatow, 2007).

destruição ambiental como cidadãos da Turquia e não como uma minoria religiosa. Ademais, dada sua orientação política mais de esquerda, seu ativismo não é surpreendente (Pusch, 2005:139).

Na segunda fase do conflito, desenvolve-se um repertório de ação coletiva bastante diversificado, que abarca referendo popular, manifestações, marchas, passeatas, ocupações da mina, petições, lobby, piqueniques, festivais e dias de plantar árvores (Çoban, 2004). Referências à cultura local se faziam presentes em diversos aspectos, como na tradicional dança *halay*, original da Anatólia. Ao longo da existência do movimento, várias visitas em massa foram feitas à capital Ankara, a 700 km, para fazer lobby junto a parlamentares ou protestar contra o Executivo, especialmente por ocasião de audiências judiciais. O movimento se fundou principalmente no ativismo dos aldeões, seus líderes e recursos locais. Os participantes e motores mais determinados desde o início foram as mulheres. As bases do movimento eram pessoas de poucas posses, com uma forte relação com a terra (Riordon, 2004). A tática principal era a participação massiva: quase todos os membros das comunidades, de todas as idades, participaram ativamente do movimento (Çoban, 2004). Aqueles que trabalhavam na mina foram isolados e condenados como “homens da Eurogold” – não permitiam que eles se sentassem nos cafés, e cortavam relações, mesmo que fossem parentes (Çoban, 2004:444).

A identidade coletiva é de natureza sobretudo territorial: trata-se do “apego ecológico e cultural” ao lugar. As “velhas identidades” camponesa e nacional têm peso muito grande, enquanto a “nova identidade” ambientalista é incorporada em uma dinâmica “glocal”, a gerar o “ambientalismo híbrido”. O movimento tinha como características o espírito e humor, a mitologia e a reverência à cultura de Anatólia, com idéias originais, que uniam política e cultura. (Lemke, 2000). Quanto aos elementos característicos dos “novos movimentos sociais”, tem-se a defesa de valores e significados locais e rurais; as ações não-violentas de desobediência civil; e a autonomia em relação a partidos políticos. Ao se olhar para os fatores geralmente analisados pelo paradigma da mobilização de recursos, vê-se um movimento que criou toda a sua capacidade organizacional, pois não havia histórico de resistência no local ou por camponeses. Em termos da disponibilidade de recursos materiais, o movimento contava com poucos recursos, seus líderes e mediadores muitas vezes forneciam os meios para a realização dos protestos, como transporte. Os camponeses mobilizaram todos os seus recursos –



ferramentas de produção, animais e principalmente seus corpos – para realizar as manifestações (Çoban, 2004). A vizinhança, arranjo de base tido como fator importante pela corrente do “processo político”, foi fundamental, condição *sine qua non* para a organização do movimento, pela própria natureza da resistência.

No final de 1996, ocorreram as primeiras passeatas e o movimento constituiu seu líder político, que determinou as ações de desobediência civil. Em novembro de 1996, quando a Eurogold começou a construção, cortando 2500 pés de oliveira, uma multidão de 5000 pessoas bloqueou, por 6 horas, a estrada principal que liga duas grandes cidades, Izmir e Canakkale, o que lhes rendeu uma reunião com o sub-governador de Bergama. Logo os líderes de 16 aldeias da região conseguiram o apoio do prefeito Sefa Taskin, que, além de mediador crucial, também tornou-se um líder (Arsel, 2005). Ele foi o prefeito de Bergama de 1989 a 1997; no início de sua gestão, experimentou o ativismo com uma campanha internacional pelo retorno do templo de Zeus de um museu de Berlim para sua localização original, Bergama<sup>19</sup>. Com seus contatos anteriores, ele ajudou a conformar um movimento coerente, coordenando seus diferentes aspectos (desafios legais, relações públicas e manifestações de protesto) (Arsel, 2005:274). Taskin entendia que a vocação turística de Bergama não deveria ser prejudicada pela mineração de ouro.

Nessa época, em que o prefeito assumiu a causa e viajou para fazer *lobby* em países da Europa, constituiu-se ainda o líder responsável pela mobilização política, além de porta-voz – Oktay Konyar:

Nós estávamos procurando por um líder. Tentamos todos os líderes de partidos, nenhum assumiu nossa causa. Por fim, chegamos a Oktay Konyar, dizendo que precisávamos de alguém que nos liderasse[...]. Ele disse: ‘eu irei às vilas e verei o quão sólidos vocês são’. Ele visitou todas as dezessete vilas e perguntou: ‘você me dão a autoridade para liderá-los? Ficarão ao meu lado?’ Todos dissemos que sim. Depois que ele se tornou nosso líder, a luta tomou uma nova forma. Ela se tornou orientada para a ação. Nós todos temos terras aqui, então juramos que realizaríamos desobediência civil até que a mina deixasse nossas terras. Todos juraram manter-se unidos. Depois, nós estabelecemos comitês em cada vila. Comitês de dez pessoas. Aqui, eu era o chefe de comitê. Oktay vinha à gente a falava ‘amanhã, em tal lugar.. deixe os aldeões informados.. Nós marcharemos.. ou realizaremos a desobediência civil em determinado lugar.. todos devem estar

---

<sup>19</sup> A campanha foi mal-sucedida (acabou em 1992), mas Taskin se estabeleceu como uma figura nacional importante e adquiriu uma experiência valiosa em relações públicas, captação de recursos e campanhas internacionais.

prontos a tal hora' (Munir Aldaş, 64, entrevistada por Üstun Reinart na vila de Ovacik, a 50 metros da mina; Riordon, 2004:54-55).

Oktay Konyar, agricultor de meia-idade, era ex-gerente de banco, tido como figura carismática. Nativo de Bergama, lá cresceu e trabalhou em várias organizações não-governamentais, além de ter sido o líder regional do partido social-democrata *Cumhuriyet Halk Partisi* (*Republican People's Party*). Criou-se então o Comitê Ambiental de Bergama (em inglês, *Bergama Environmental Executive Board*), do qual Konyar era presidente, com representantes da prefeitura, de sindicatos, de partidos socialistas e social-democratas, além de delegações dos sub-comitês de cada uma das 17 aldeias. A resistência se desenvolveu em segredo: eles iam à noite para os atos de desobediência civil. As mulheres estiveram à frente da ação e convenceram os homens a participarem da militância, foram de aldeia em aldeia para angariar mais participantes, e foram as seguidoras mais leais de Konyar<sup>20</sup>. Este líder alcançou feitos inéditos: convenceu camponeses em sua maioria idosos a protestarem, sem camisa; e chegou a encorajar as mulheres a fazerem greve de sexo até que seus maridos aderissem à luta.

Em dezembro de 1996, diversos políticos de oposição da província de Izmir se manifestaram contrariamente ao empreendimento, e então ocorreu a primeira marcha contra a mina, na cidade de Bergama, com membros do comitê, chefes das aldeias e chefes locais de partidos de oposição. Em janeiro de 1997, Konyar organizou um referendo, para perguntar aos habitantes locais se queriam a mina de ouro com uso de cianeto na área. Participaram votantes de oito aldeias, ao todo 2866 pessoas. Apurou-se que 89% dos votantes eram contra a mina<sup>21</sup>.

Por sua vez, a Eurogold processou Taskin por causa do referendo, e, posteriormente, por difamação da companhia. Esta, como de hábito, reclamou da perda de tempo com o “debate desnecessário” provocado pelos habitantes locais. A controvérsia sobre a mina estaria prejudicando os interesses econômicos do país

---

<sup>20</sup> A liderança de mulheres em lutas comunitárias como esta se explica pelo ônus que carregam de cuidar das crianças, de modo que situações de desnutrição ou doenças afetam diretamente suas vidas. Elas se preocupam com as fontes de comida, sustento, futuro de seus filhos (Çoban, 2004).

<sup>21</sup> As urnas foram levadas a Çamkoy para serem abertas por autoridades eleitorais. Três dias depois, o deputado Aydin Guven do *Republican People's Party* (CHP), de Izmir, e outros propuseram um projeto de lei, sem sucesso, para permitir um referendo oficial, pois aquele informalmente realizado foi considerado ilegal pelo governo.

e os investimentos de modo geral<sup>22</sup>. Assim, acusou os líderes de difundirem informações incorretas. Os procedimentos teriam sido complicados pela política:

“Esta é a primeira vez que a Eurogold enfrenta esse tipo de obstáculos políticos ao investir no exterior; nós geralmente encontramos problemas técnicos em outros países nos quais a questão nunca foi politizada assim... Aqui, eles esqueceram a lei e começaram a ter pensamentos politicamente dominados.” (Jack M. E. Testard - diretor geral da Eurogold)<sup>23</sup>

Neste clima de tensão, os líderes das aldeias, diversos representantes de partidos políticos e o prefeito de Bergama visitaram o governador de Izmir, para demandar o fechamento temporário das instalações da mina devido às perturbações na região. Em fevereiro de 1997, Taskin fez sua primeira viagem para angariar apoio internacional ao movimento. O diretor-geral da Eurogold, Testard, afirmou que as pessoas opostas ao projeto estavam em minoria, e ostentou o poder do investimento: “nós trouxemos as maiores forças financeiras do mundo e a última tecnologia ambiental conosco”<sup>24</sup>. Não obstante, em abril de 1997, cerca de 4000 protestantes das aldeias ocuparam a zona da mina, o que obrigou o governador da província a fechá-la por um mês, em nome da ordem local. Foram detidas 19 pessoas, acusadas de violarem a lei sobre manifestações.

Na sequência, o projeto sofreu o primeiro dos revezes judiciais: a Suprema Corte Administrativa – Conselho de Estado – proferiu decisão contrária ao projeto, entendendo que não servia ao interesse público<sup>25</sup>. Em maio de 1997, reconheceu no projeto um grande risco à saúde humana e ao meio ambiente, determinando que o ato ministerial havia violado os direitos à vida e a viver em um meio ambiente sadio e balanceado, estipulados na Constituição Turca. Conseqüentemente, determinou a interrupção da operação da mina por tempo indefinido, e proibiu o uso do cianeto na mineração na Turquia. Em comemoração pela vitória, uma festa foi organizada em Bergama. A seu turno, a Eurogold contestou o perigo que isto representava à indústria mineradora e ao investimento

---

<sup>22</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Eurogold hits back saying protestors motivated by ideology and politics”, de 18 de janeiro de 1997.

<sup>23</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Bold over gold”, de 31 dezembro de 1996.

<sup>24</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Eurogold determined to start mining in November”, de 12 de março de 1997.

<sup>25</sup> O Conselho de Estado é a Corte Superior para a justiça administrativa, que revisa, em última instância, todos os julgamentos sobre disputas administrativas. Dentre outras competências, examina projetos de regulamentação e contratos de concessão.

direto estrangeiro no país. Porém, vários grandes investimentos estrangeiros já prosseguiram no passado a despeito de decisões contrárias do Conselho de Estado.

Apesar dos julgados contrários, a companhia não cessou suas operações e insistiu em seu direito de continuar, pois, conforme a orientação de seus especialistas legais, ela não estaria obrigada a parar o trabalho, particularmente por ter propriedades e alugar terras no local da mina<sup>26</sup> – o presidente do Conselho Diretor, Tansel Fikri, contestou, em comunicado escrito: “nós somos incapazes de entender uma decisão que diz que não podemos construir nada em nossas próprias terras”<sup>27</sup>. Ao defender sua propriedade, a diretoria chegou a afirmar que a Eurogold era uma companhia turca<sup>28</sup>. Convém observar a mudança de discurso em relação ao momento em que a companhia ainda não havia obtido resultados desfavoráveis na justiça, em março de 1997:

“As ações judiciais iniciadas por algumas pessoas estão sendo rejeitadas uma a uma. Se a Turquia é um Estado baseado nos princípios do direito, nós desejamos que os litigantes respeitem as decisões prolatadas. Começaremos nosso projeto legítimo em novembro.” (Jack Testard, diretor-geral da Eurogold)<sup>29</sup>

Na nova conjuntura de derrotas judiciais, o discurso de obediência às decisões judiciais se inverte, e o Estado de direito resta reduzido à proteção do direito de propriedade, com a desconsideração das limitações a este direito em nome do interesse público. Os advogados também foram alvo de acusações disciplinares pela Eurogold. Transcorrido mais de um mês da decisão do Conselho de Estado, ainda pendente de execução, a construção e as operações físicas no local da mina continuavam, e os aldeões foram informados de que tanques de cianeto estavam sendo transportados para o local da mina. Eles então realizaram protestos intensivos fechando as estradas ao tráfego.

Durante os eventos, 38 cidadãos, inclusive o líder Konyar, foram detidos acusados de violarem as leis que restringem manifestações, de danificarem propriedade privada, de resistirem a autoridades de segurança e possuírem faixas

<sup>26</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Mining Controversy Settlement Delayed”, de 1 agosto de 1997

<sup>27</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Villagers Deny Involvement in Mine Vandalism”, de 4 de julho de 1997.

<sup>28</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Embattled Eurogold mining company vows to protect project despite villagers' opposition”, de 25 de abril de 1997.

<sup>29</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Eurogold determined to start mining in November” de 12 de março de 1997.

ilegais<sup>30</sup>. Os protestantes negaram envolvimento nos atos de vandalismo alegados pelo pessoal da Eurogold, pois teriam sido bloqueados pelas forças de segurança pública na estrada de acesso à mina. Segundo os detidos, o dano a equipamentos da mina teria sido perpetrado pelos próprios “homens da Eurogold” para incriminar os protestantes, que sempre fizeram manifestações pacíficas. Ainda à espera do cumprimento da decisão do Conselho de Estado, em agosto de 1997, os aldeões protestaram na importante ponte sobre o estreito de Bósforo, que separa as partes asiática e europeia da Turquia. No bloqueio da ponte, os protestantes se acorrentaram à estrutura, novamente provocando reação policial e detenções.

A Eurogold acusou os protestantes de transgredirem a lei, e pediu medidas do governo. Estimou um pequeno número de protestantes, manipulados por políticos locais com o objetivo de “penetrar na política nacional a partir da arena local”:<sup>31</sup>

“Esses assaltos não são parte de uma mentalidade ambientalista inocente, mas são operações deliberadas, ideológicas e políticas. Se o meio ambiente fosse a razão essencial, em 1987, em Kutahya, onde tem base a Etibank Silver Facility, a mesma campanha teria se elevado, mas as instalações estão operando há dez anos” (Tansel Fikri, membro da diretoria da Eurogold)<sup>32</sup>.

Segundo a lógica apresentada pela Eurogold, se uma localidade no país ou no mundo não se opôs ao mesmo método, então nenhuma teria o direito de se opor, o que desconsidera as especificidades de cada local (atividade sísmica, uso da terra, valor histórico). Opera-se uma comparação com a mina de prata em Kutahya, onde o cianeto era usado e ninguém protestava, enquanto em Bergama a questão foi “exagerada”, pois os aldeões estariam sendo incitados com falsas informações. Fikri chegou a afirmar que o método não era questionado em lugar nenhum do planeta, pois sua eficiência econômica teria sido há muito aceita em todo o mundo<sup>33</sup>. Igualmente criticou os rígidos mecanismos de controle, jamais impostos sobre outra companhia, chamando o Judiciário a enfocar as vantagens

---

<sup>30</sup> Os camponeses foram detidos no dia seguinte ao evento, em suas casas ou quando se deslocavam próximo à área da mina com seus tratores, com base em testemunhos da Eurogold e dos guardas. *Turkish Daily News*, “36 Eurogold protesters released”, de 4 de julho de 1997.

<sup>31</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Eurogold on the defensive”, de 28 de agosto de 1997.

<sup>32</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Eurogold's Defensive Press Conference”, de 5 de julho de 1997.

<sup>33</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Environment Focus”, de 22 de agosto de 1997.

para o país. Deste modo, reafirmou que seriam utilizados os métodos mais seguros, ainda não utilizados nem nas economias mais avançadas, como EUA, Canadá e Austrália (sedes das maiores companhias do ramo)<sup>34</sup>. Tal afirmação confirma que, em regra, as companhias seguem padrões mais rígidos nos países desenvolvidos; exigências mais rigorosas fora deles são motivo de impaciência.

Conquanto a companhia publicamente afirmasse se importar com as opiniões dos habitantes da região, a situação permaneceu inalterada<sup>35</sup>. Em mais uma tática de ação coletiva e desobediência civil, ao final de novembro de 1997, os aldeões se recusaram a participar do censo que objetivava verificar o tamanho da população do país. O motivo era simples: se o Estado não respeitava sua vontade, então eles não se deixariam ser contabilizados<sup>36</sup>. Assim, o ano de 1997, marcado por inúmeros e intensos protestos, também baliza o início do grande apoio ao movimento por grupos domésticos e externos. No âmbito nacional, abarcou sindicatos, partidos de oposição, ambientalistas de grandes centros urbanos (Istambul, Izmir e Ankara), o movimento contra a usina nuclear de Akkuyu, associações profissionais e acadêmicas e a Associação Turca de Direitos Humanos<sup>37</sup>. As organizações prestaram assistência técnica. Residentes de Izmir e Bergama lançaram a campanha “Bergama e Izmir estão de mãos dadas”.

A prefeitura foi um ator importante, sob a gestão de Sefa Taskin, que compilou e disseminou informação, através de atividades organizadas que contribuíram para o estabelecimento de articulações com outras comunidades locais, acadêmicos, sindicalistas e ativistas<sup>38</sup>. Um importante canal para estas interações foi o Comitê Ambiental de Bergama. Entretanto, os camponeses não permitiam pessoas externas ao movimento em suas manifestações, segundo Üstün Reinart, uma das principais colaboradoras do *site* feito em solidariedade ao

<sup>34</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Eurogold calls for objective decision on cyanide use”, de 9 de dezembro de 1999.

<sup>35</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Environment Focus” de 22 de agosto de 1997.

<sup>36</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Mopping up after the census”, de 11 de dezembro de 1997.

<sup>37</sup> Oferecem apoio ao movimento, no plano nacional, entre outros: a ONG Izmir Environmental Lawyers; Ordens de advogados, (inclusive a de Izmir e a nacional); movimentos ambientalistas de Istambul, como Environment Club of Bosphorus University, Environment Passengers e SOS Environment Platform of Istanbul; a União de Câmaras de Arquitetos e Engenheiros Turcos (TMMOB); a Associação de Médicos Turcos; a Câmara de Engenheiros Ambientais; o Sindicato dos farmacêuticos.

<sup>38</sup> Taskin fundou, posteriormente, a “Pergamon Association” – *Bergama Environment, Culture and Arts Association*.

movimento<sup>39</sup>. Também houve trocas com outras comunidades locais que enfrentavam ameaças semelhantes: os aldeões de Bergama fizeram-lhe visitas, compartilharam experiências e formaram laços de solidariedade (Çoban, 2004).

No outro lado do conflito, figuram basicamente o governo e a companhia, aliados em todas as fases. O discurso do governo, basicamente, traz as seguintes afirmações: o método é usado em todo o mundo; o processo tem sido usado por séculos, e ninguém perdeu sua vida, nem o meio ambiente foi colocado em perigo; o processo de licenciamento foi conduzido com seriedade e rigidez; a Turquia iria tanto proteger o meio ambiente quanto produzir ouro, considerando o que é melhor para o país; o governo iria incentivar o setor, e as companhias nacionais estariam em breve entre as maiores do mundo; a opinião dos habitantes seria sopesada na decisão do governo, assim como a preocupação de que o fechamento da mina mandasse uma mensagem ruim para investidores estrangeiros. Diversos ministros afirmaram que, se houvesse ameaça à saúde dos moradores ou ao meio ambiente, eles não deixariam que as atividades tivessem continuidade. Contudo, o governo pretende que os habitantes recebam “informações objetivas”. Autoridades nacionais também recorreram à alegação de que os ativistas eram “anti-Turquia”.

O poder Executivo sempre demonstrou apoio à companhia. O presidente Demirel escreveu carta oficial à Eurogold na qual afirmava que os problemas encontrados seriam resolvidos e a ordem pública seria restaurada na região (Çoban, 2004). Declarações similares foram feitas pelo Primeiro Ministro e por diversos ministros da Turquia. A relação de apoio do Estado à companhia permaneceu inalterada apesar das mudanças de governo e de acionistas. Relação similar se deu entre a companhia e o governo australiano – o embaixador australiano na Turquia confirmou o apoio do governo à corporação em uma coletiva de imprensa (Çoban, 2004). Já em 1994, ele teria se reunido com ministros turcos e o diretor-geral da Eurogold<sup>40</sup>.

Outro ator importante no processo de *lobby* foi a ex-ministra de Meio Ambiente da Austrália, Ros Kelly, então membro do Conselho Diretor Internacional da Normandy. Em visita à Turquia em maio de 1997, ela descreveu

---

<sup>39</sup> Üstün mudou-se para o Canadá ainda jovem e formou-se em jornalismo; em visita a seus pais no ano de 1998, resolveu ficar no país especialmente em razão do movimento de Bergama. Üstün entrevistava habitantes locais, o que lhe rendeu um livro: “We Know the Land”.

<sup>40</sup> Mining Monitor, v. 1, n. 2, 1996, disponível em <<http://www.minesandcommunities.org>>.

o projeto de Ovacik como “o Rolls-Royce das minas” em termos de tecnologia e segurança, e afirmou ainda não ser possível uma oposição séria ao projeto com argumentos ambientais, o que seria “excessivo em relação a qualquer mina na Austrália”<sup>41</sup>. A seu turno, o diretor da Normandy, De Crespigny, enviou carta ao senador australiano dos Verdes, Bob Brown, identificando a gênese das dificuldades na recusa dos sócios conjuntos em “fornecer incentivos financeiros” para um seleto grupo de líderes de comunidades turcas, enquanto garante os altos padrões da mina e o objetivo de “empregar e empoderar as comunidades locais e povos indígenas”. Questionado pelo senador, o governo australiano confirmou que seu embaixador, assim como os embaixadores francês e canadense, haviam feito lobby junto ao governo turco em apoio ao projeto.

No início de 2000, a Normandy, na qualidade de maior investidor australiano na Turquia, escreveu a Ministros da Austrália, pedindo seu apoio no *lobby* junto a seus colegas turcos. Os ministros solicitaram a rápida concessão das permissões<sup>42</sup>. Realizada a campanha de lobby, em fevereiro de 2000, presidente e primeiro ministro turcos enviaram ao Ministério de Energia um relatório encomendado pelo governo a um instituto de pesquisa financiado com fundos públicos – o relatório TUBITAK. O documento, que deveria guiar a atuação do Executivo, sugeria que a mina havia melhorado seus padrões de segurança e que colocá-la em operação era do interesse nacional. A agilidade dos procedimentos deve ser apreciada no contexto de uma grande comoção pública na Europa desfavorável à companhia: um acidente em uma mina de ouro em Baia Mare, na Romênia causou um grande desastre ecológico, que levou mais de mil aldeões de Bergama a marcharem, com seus rebanhos, até a cidade de Bergama<sup>43</sup>.

Não obstante, em abril seguinte, o governo instruiu os ministérios relacionados a adotarem as medidas necessárias para que a corporação conseguisse pôr a mina em operação. A determinação do gabinete do primeiro ministro realçava que se tratava de um investimento estrangeiro sujeito à revisão

---

<sup>41</sup> Conforme declaração publicada na reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Ros Kelly: Eurogold's Bergama mine protects environment”, de 16 de maio de 1997.

<sup>42</sup> Mining Monitor, v.6,n.2, jul 2001.

<sup>43</sup> Em 30 de janeiro de 2000, uma barragem de rejeitos na mina de ouro de Aurul, em Baia Mare (Romênia), rompeu-se, liberando mais de 100.000 metros cúbicos de resíduos tóxicos em corpos d'água, contaminando com cianeto os rios Tisza e Danúbio, ocasionando uma mortandade massiva de peixes na Hungria e na Iugoslávia. As populações próximas tiveram de usar fontes alternativas de água.



por arbitragem internacional, conforme a nova legislação de arbitragem turca. Além disso, argumentava que impedir a atividade mineradora iria afugentar investimentos estrangeiros do país, atrapalhando seu desenvolvimento econômico. A Ordem dos Advogados de Izmir condenou a decisão, pois o veredicto do tribunal que cancelou a permissão da Eurogold era definitivo e não poderia ser ignorado com as desculpas de ter de observar a lei de arbitragem internacional ou atrair investimentos estrangeiros<sup>44</sup>.

A questão da arbitragem internacional merece destaque. Em 1999, emendas constitucionais determinaram que a lei de arbitragem (lei privada) prevalece sobre a lei administrativa e a sanção do Conselho de Estado sobre concessões de serviços públicos e investimentos. Em 2001, o Parlamento turco aprovou a lei de Arbitragem Internacional. A lei estende o escopo da arbitragem, que se tornou o método para a solução de controvérsias não só relacionadas a concessões, mas para qualquer disputa para as quais as partes aceitem a arbitragem como o meio de solução. Essas leis internacionais relativas a comércio e investimentos têm maior eficácia que as de direitos humanos e ambientais, e tendem a enfraquecer a proteção – nacional e internacional – desses direitos. Trata-se de um instrumento da governação que limita a democracia, com vistas a aumentar o fluxo de capital estrangeiro para a Turquia.

Os moradores de Bergama ficaram preocupados com a possibilidade de a companhia incluir uma cláusula no novo contrato determinando que quaisquer conflitos fossem resolvidos pelo tribunal arbitral; em novembro de 1999, protestaram, com latas vazias amarradas a seus pés, contra a Eurogold, a lei de arbitragem internacional e propostas de usinas nucleares e elétricas em Firtina. Um mês depois, a Normandy substituiu os membros estrangeiros do conselho de administração por nacionais. Ambas as partes em disputa entenderam ser o caso aplicável à arbitragem internacional, logo, por si só, a aplicabilidade da arbitragem permitiu que a corporação fosse bem-sucedida (Çoban, 2002). Os procedimentos de arbitragem internacional servem particularmente para proteger o comércio, os investimentos e os investidores. Segundo Çoban (2002), os cidadãos ficam com acesso limitado a remédios judiciais, enquanto as corporações

---

<sup>44</sup> Conforme reportagem do jornal *Turkish Daily News*, de 23/06/2000.

têm direito à revisão judicial em tribunais arbitrais. Há “uma violação do direito à revisão judicial e do princípio da igualdade perante a lei” (Çoban, 2002:224).

De todo modo, em obediência às orientações superiores, os ministérios concederam permissões à Eurogold para um ano de produção em fase de “teste”, em fevereiro de 2001, às quais os habitantes locais não puderam ter acesso. Cumpre recordar a ocorrência das crises financeiras gêmeas de novembro de 2000 e fevereiro de 2001 no intervalo entre a ordem governamental e a concessão das permissões. Neste contexto, argumentos sobre o potencial da mineração de ouro para reerguer a economia turca ganharam evidência na imprensa nacional, assim como prosperaram acusações de que a resistência de Bergama seria organizada ou apoiada por forças externas. Nas palavras do gerente-geral da companhia, Guckan,

“há numerosas forças externas apoiando os aldeões, que são apenas 25-30 pessoas, porque a mineração irá dar à Turquia \$70 bilhões e escapar da necessidade de importar ouro. A mina também oferecerá uma ampla gama de oportunidades de negócios ao povo local.”<sup>45</sup>

Por outro lado, o movimento de Bergama questionava as relações especiais entre o governo e a companhia, a ponto de aquele descumprir decisões judiciais e usar as forças armadas para proteger a mina. Por ocasião da primeira crise, mais de 60 aldeões marcharam na estrada Canakkale-Izmir durante oito dias por 300 km até Canakkale, imbuídos do espírito do movimento de independência nacional. De fato, o tema da luta para libertar a Turquia da ocupação estrangeira era bastante repetido em Bergama (Arsel, 2003). Na interpretação nacionalista do líder Konyar, a luta era por independência das pressões políticas e econômicas estrangeiras (Konyar, 1999 *Apud.* Arsel, 2005). O forte discurso nacionalista se resume no slogan “nosso líder é Mustafa Kemal Atatürk”, em memória ao fundador da república (Lemke, 2000).

Ante à questão da arbitragem internacional, o discurso anti-imperialista e contra a globalização neoliberal se reforçou no repertório do movimento: “os resultados dessa enganação chamada globalização já são aparentes em uma crescente colonização de países sub-desenvolvidos” (Konyar, 2001). O líder alude a invasões memoráveis do território turco, mas nota que a forma de ocupação em tempos de globalização tem novos atores e dinâmicas:

---

<sup>45</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “No obstacle to Eurogold mine in Ovacik”, de 22 de outubro de 2000.

“Hoje, nós somos invadidos por forças econômicas que impõem condições sobre nós. Nosso Estado, nosso governo, pode ter boas intenções, mas não é capaz de resistir a essas forças. Nós não devemos desistir da democracia. Não pode haver meias-medidas na democracia.” (Konyar, 2001)

Deve-se considerar especialmente o clima político criado pelas manifestações por justiça global ao final da década de 1990, com fortes críticas às políticas neoliberais. O movimento altermundialista adicionou uma nova dimensão ao enquadramento (*framing*), a do ativismo *outsider*. Por exemplo, quando Konyar foi preso em abril de 2002, os camponeses ocuparam a delegacia e chamaram todos os oponentes do neoliberalismo a se unirem a eles, e levarem sua luta para a cena internacional, juntamente com as manifestações de Seattle, Praga e Quebec (Reinart, 2001)<sup>46</sup>.

Entretanto, difundiu-se o argumento de que o verdadeiro potencial para melhorar a economia turca estaria no subsolo, e deveria ser explorado para o futuro da Turquia, pois significaria 6.500 pessoas empregadas por 65 anos, com a possibilidade de suprir \$259 bilhões de renda adicional à economia turca. O gerente-geral da Eurogold, Guckan, também recorreu à figura fundacional da república, mas para reforçar a importância da mineração para o projeto nacional:

A mineração de ouro pode resgatar a economia turca. Algumas das companhias estrangeiras querem achar ouro na Turquia, mas não querem deixar a Turquia produzi-lo. Se a Turquia operasse suas fontes de ouro, sua economia estaria bem melhor. O setor de mineração foi retardado por 41 anos. O primeiro presidente da Turquia, Mustafa Kemal Atatürk, afirmou que o setor de mineração deveria ser desenvolvido. O Mining Exploration Institute (MTA) e Etibank foram estabelecidos em 1935 por causa disso (Guckan, em entrevista ao TDN).<sup>47</sup>

Em abril de 2001, a mina começou sua produção. Em reação, milhares de aldeões fecharam a estrada Canakkale-Izmir, com mais prisões e acusações. O governo manteve sua determinação de abolir as barreiras legais e sociais aos empreendimentos de mineração de ouro e prata. Contudo, o judiciário não aceitou a atitude do poder executivo: em dezembro de 2001, a Suprema Corte da Turquia condenou o primeiro ministro anterior, Mesut Yilmaz (1997-1999) e quatro

---

<sup>46</sup> A “iniciativa de Ankara contra a globalização” foi uma coalizão com a participação de sindicatos e partidos políticos, do TMMOB, TTB (Sindicato dos médicos turcos), da Associação de Direitos Humanos e dos aldeões de Bergama. A nova coalizão organizou uma manifestação de cerca de 500 pessoas em Ankara, em 2000, contra o representante do FMI, e uma manifestação de 1000 pessoas em solidariedade aos protestantes em Praga (Baykan e Lelandais, 2005).

membros do gabinete por descumprirem a ordem judicial de fechar a mina, bem como concedeu indenização aos moradores pelos danos sofridos.<sup>48</sup>

Ainda ao fim de 2001, Konyar divulga a proposta de formar um sindicato dos camponeses da região. Assim, expressa o desejo de entrar na arena política de forma mais organizada. O sindicato expressaria as visões dos camponeses para o governo, e enfatizaria seus direitos fundamentais, quando os representantes são incapazes de defendê-los e forçam-nos a migrar para favelas das grandes cidades. Com o sindicato, teriam influência na determinação do que produzem:

Os camponeses compõem 70% da população do país, suas vozes precisam ser ouvidas, eles precisam ter influência na conformação de seu futuro. Mesmo que as pessoas que resistiram à mina possam não saber ler e escrever, eles aprenderam a se defender, a se comportar como cidadãos; essas pessoas não podem ser derrotadas em face do imperialismo. Nós queremos nossa independência. Não queremos que as pessoas morram. (Konyar, “The Peasants of Bergama form a Union”, site do movimento, 24/12/2001)

Em janeiro de 2002, em um processo judicial movido por Birsell Lemke, a Corte Administrativa de Izmir determinou que a permissão dada pelo Ministério de Florestas era ilegal e deveria ser cassada. Dois meses depois, a Normandy foi comprada pela Newmont, uma companhia dos EUA, que então se tornou a maior corporação mineradora de ouro do mundo<sup>49</sup>. Então, Konyar e uma dúzia de camponeses de Bergama foram a Ankara com cópias da decisão judicial e um grande cadeado para fechar a mina. No início de abril de 2002, o fechamento foi novamente ordenado pelo Conselho de Estado: a permissão temporária de teste foi cancelada por violar o bem público. A mina foi fechada, porém, no dia seguinte, o Conselho de Ministros deu à companhia uma permissão especial, com base em uma “decisão de princípio” – não tornada pública – de permitir a continuidade, sob o argumento de que haveria uma nova avaliação final de impacto ambiental.

Uma semana depois, o líder Oktay Konyar foi preso na cidade de Soma, a caminho de Ankara, quando foi informar a polícia sobre a realização de uma

<sup>47</sup> Conforme reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “Resource for Turkish economy lies underground”, de 12 de janeiro de 2001.

<sup>48</sup> Conforme publicado no jornal *Cumhuriyet*, em 15 de dezembro de 2001. Em agosto de 2003, Ozay foi a Camkoy distribuir entre os camponeses o dinheiro da indenização. Dos 96 autores da ação, 16 haviam morrido, e alguns haviam começado a trabalhar na mina. Alguns se recusaram a tocar no dinheiro, para que fosse usado para o movimento (Reinart, 2003).

<sup>49</sup> A Newmont enfrentava fortes protestos na mina de ouro de Yanacocha, no Peru, a maior da América Latina (com participação de uma companhia local e também de 5% da Corporação Financeira Internacional do Banco Mundial). Problemas no Peru e na Indonésia, onde enfrenta

coletiva de imprensa, mas foi acusado de “insultar um oficial de polícia”, e ficou preso por duas semanas. No mês seguinte, o promotor do Tribunal de Segurança Estatal foi a Bergama para investigar “sérias” alegações contra os oponentes da mina. A coalizão pró-mina desviou a atenção dos riscos com acusações de que o movimento seria composto por agentes secretos de outros países, com o fim de estorvar o desenvolvimento da Turquia (Orhan, 2006).

Em outubro de 2002, 15 pessoas foram acusadas – dentre eles, Taskin, Konyar, Senih Ozay, Birsell Lemke, Petra Sauerland e advogados de Izmir e Istambul, ao todo, 6 alemães e 9 turcos, – de “formarem uma aliança secreta com algumas fundações alemãs para espionar a Turquia”, atentando contra “a unidade da Turquia e o regime secular republicano”, com o pedido de condenação a 15 anos de prisão<sup>50</sup>. Em março de 2003, os réus foram absolvidos por falta de evidências. Este foi o último evento na sequência de ações repressivas, que renderam diversos processos penais sobretudo para o líder Konyar.

Em maio de 2002, a Normandy anunciou que a produção da mina excedeu as expectativas, e que as exportações da companhia contribuíram com \$28,1 milhões para a economia turca. Conforme a declaração, haveria cerca de 600 toneladas de reservas de ouro na Turquia e o número de minas deveria ser aumentado. O gerente-geral Guckan concluiu: “Nós cumprimos a promessa feita ao Estado e removemos todos os riscos. Não há obstáculos nos impedindo de continuar o trabalho”<sup>51</sup>. A mídia de massa não mais cobria a resistência; em vez disso, as manchetes dos jornais anunciavam os benefícios da mineração de ouro.

#### **4.4. O declínio (2003-2007)**

A terceira fase caracteriza-se pelo esfriamento das mobilizações políticas. O movimento parece estar à espera da solução institucional, ou melhor, de seu cumprimento. A partir de 2004, a Corte Europeia de Direitos Humanos começa a decidir os casos relativos a Bergama – somente por ocasião dos julgamentos o

---

processos multimilionários, incluíam acidentes, poluição de água e expropriação forçada de agricultores (Martínez-Alier, 2007). Disponível em <<http://www.minesandcommunities.org>>.

<sup>50</sup>Cinco organizações alemãs foram acusadas: as fundações Konrad Adenauer, Heinrich Böll, Friedrich Ebert e Friedrich Naumann e o Orient Institute. Em setembro de 2000, Konyar, Taskin e 80 camponeses já haviam sido acusados de formarem uma organização ilegal e secreta.

conflito é novamente abordado pela mídia. De 2004 a 2007, numerosas decisões judiciais suspenderam ou anularam licenças de vários ministérios concedidas à mina; mas novas foram concedidas, e a operação não foi suspensa. A decisão do Conselho de Ministros, que embasou os procedimentos de licença desde 2002, foi suspensa pelo Conselho de Estado em 2004 e anulada em 2006, sem qualquer efeito prático. Em abril de 2006, a Corte Administrativa de Izmir anulou o plano urbano da área onde se localiza a mina<sup>52</sup>. Portanto, os julgamentos desta fase continuam a rechaçar os atos do poder Executivo, mas inúmeros recursos ainda estão pendentes perante as cortes administrativas<sup>53</sup>.

Paralelamente, o movimento se viu enfraquecido com a aprovação de uma nova lei de mineração (Lei nº 5177 de junho de 2004), que modificou a Lei nº 3213 de 1985 e propiciou aos investidores estrangeiros e nacionais um ambiente de investimentos mais amigável. Diminuiu os custos operacionais e aumentou a taxa de lucro da indústria de mineração de ouro, tornando a Turquia mais competitiva em relação a outros países ao reduzir os custos de construção de minas e da produção de metais preciosos, “em uma época em que muitas jurisdições estão aumentando a carga de impostos sobre companhias de mineração de ouro”<sup>54</sup>. Terras onde antes eram vedadas atividades mineradoras (como o litoral, parques nacionais, florestas, sítios históricos e terras agrícolas) são agora

---

<sup>51</sup> Conforme a reportagem do jornal *Turkish Daily News*, “3 tons of gold extracted from Ovacik mine”, de 25 de maio de 2002.

<sup>52</sup> O governador de Izmir recorreu ao Conselho de Estado para suspender e anular tal decisão. Porém, exigiu das autoridades concernidas seu cumprimento, inclusive à companhia. Depois, pediu a retificação da decisão, pois não estaria claro se a anulação do plano urbano implicava uma obrigação de anular a licença de construção, demolir as instalações da mina ou fechá-las. A Corte rejeitou o pedido. Não satisfeito, o governador escreveu ao Primeiro Ministro ressaltando que um pedido de esclarecimento deveria ser feito ao Conselho de Estado.

<sup>53</sup> Um esquema simplificado da trajetória institucional do conflito pode ser consultado no Anexo 3

<sup>54</sup> A nova lei isenta a indústria de mineração de ouro do imposto sobre valor agregado. Taxas sobre instalações em terras objeto de arrendamento florestal não mais se aplicam. A lei de expropriação que impõe os procedimentos para a aquisição de terras críticas para a realização de investimentos agora se aplica a atividades mineradoras. Além disso, diminui a porcentagem de royalties a serem pagos ao Estado pelas companhias de mineração de ouro. Fonte: *Eldorado Gold Corporation: Turkey VAT Exemption and New Mining Law*. Publication: Business Wire, de 15 de julho de 2004. <<http://www.allbusiness.com/legal/tax-law-value-added-tax/5668523-1.html>>. Note-se que, no mesmo período, estava em discussão no Brasil a Resolução nº 369 do Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA, que viria a ser aprovada em 2006, permitindo a mineração em áreas de preservação permanente, agora considerada atividade de utilidade pública de molde a constituir exceção à regra da não-exploração econômica dessas áreas. As áreas de preservação permanente da legislação brasileira se assemelham às áreas antes protegidas da mineração na Turquia. A tendência demonstra a expansão global das fronteiras da atividade mineradora, que agora exige a exploração em áreas com funções ambientais cruciais como a preservação dos recursos hídricos e da biodiversidade, a proteção do solo e o bem-estar das populações humanas.

passíveis de exploração através de um regulamento geral do Conselho de Ministros. Ambientalistas, municipalidades e agricultores contestaram as novas disposições perante a Corte Constitucional, caso ainda pendente.

Em março de 2005, o grupo nacional Koza comprou a mina de Ovacik da Newmont, tornando-se a primeira companhia de mineração de ouro da Turquia – a Koza Gold. Em agosto seguinte, a companhia declarou que estava acelerando as atividades de exploração e perfuração nas regiões próximas de Ovacik, tendo comprado uma segunda mina de ouro, além de já possuir três licenças de campo da Newmont. A luta está aparentemente derrotada, e outras mineradoras de ouro começam a fazer perfurações preliminares em vários locais da Anatólia. Bergama afunda na decadência e na desesperança.

A propaganda anti-cianeto dos aldeões voltou-se contra eles, pois os comerciantes acreditaram nos riscos: alguns já não querem comprar produtos da região, como azeite de oliva, tomates e leite. O reservatório de resíduos aumenta a cada dia. As pessoas se queixam dos constantes tremores de explosões – o barulho e a poeira provocados já haviam, em 2002, resultado em animais natimortos e deformados, assim como safras reduzidas. Os poços estão secando e a água ficou turva, segundo relatos de habitantes (Reinart, 2003). Jovens moradores se empregaram na mina. Rumores de suborno são muitos, e o tecido social está destruído em várias aldeias devido aos ressentimentos em relação à mina e a quem lá trabalha<sup>55</sup>. Os moradores acusam a companhia de comprar moradores influentes para quebrar a resistência. As aldeias começaram a encolher:

Muitos estão deixando a terra. Aqueles que têm recursos estão indo embora. Aqueles que permanecem não têm dinheiro para ir a outro lugar. [...] Ninguém quer comprar sua terra, a não ser a companhia mineradora, que quer se expandir. Na realidade, os habitantes remanescentes estão perdendo a esperança porque algumas das pessoas que estavam na resistência durante muitos anos estão agora considerando vender suas terras para a mina para que possam ir embora (Üstun Reinart, em entrevista; Riordon, 2004:63-64).

A questão do cumprimento de padrões de segurança pela companhia ainda é controversa. De um lado, a companhia afirma seguir padrões mais altos que os

---

<sup>55</sup>Em agosto de 2002, o conflito foi motivo de um assassinato na vila de Pinarkoy, próxima à mina. Uma família, cujos membros trabalhavam na mina, atacou a casa de um aldeão ativo na resistência, morto com um tiro; seu irmão de 13 anos foi ferido. Dias antes, a família da vítima havia sido ameaçada pelos agressores, para que parassem de falar contra a mina; o pai da vítima havia sido espancado na praça central da cidade de Dikili (Cumhuriyet).

exigidos na UE e nos “países avançados”. De outro, a Câmara Turca de Engenheiros Geólogos acusou, em agosto de 2003, fraude na medição da concentração de cianeto no reservatório de resíduos a céu aberto, a expansão deste para além das dimensões projetadas, e sua operação já com capacidade máxima. Haveria também um *lobby* junto ao governo pela adoção de regulações mais fracas (Riordon, 2004). Em maio de 2004, uma análise feita pela Aegean University de Izmir revelou altos níveis de arsênio na água, imprópria para consumo humano e irrigação (Riordon, 2004). Apesar de alguns “entraves” judiciais, as minas de ouro proliferam no país. A companhia canadense Eldorado/Tüprag, com projetos em implementação, opera normalmente a mina de Kisladag (Usak), apesar de um incidente de envenenamento por cianeto ocorrido em 2006 – a decisão judicial que suspendia a atividade foi revertida<sup>56</sup>. A mina de Küçükdere, em Edremit, opera em contrariedade a um julgado, apesar da vitória temporária obtida em 1993. Considerando o fato de que a localização de uma mina depende de uma especificidade local – reserva aurífera – os atores locais de Bergama poderiam ter sido mais influentes. Todavia, a chantagem da localização mostrou-se forte porque a Turquia tinha e segue tendo várias reservas a serem exploradas, o que se explica, especialmente, pelo fato de o mercado da mineração de ouro ter permanecido fechado por muitas décadas.

#### 4.5. Conclusão

O movimento reivindicava que a mina não fosse implementada; depois, que fosse fechada; que as decisões judiciais fossem cumpridas, e a vontade da população respeitada. Em seu discurso, estiveram presentes a preservação ambiental, os interesses de subsistência, a política de identidade e a política democrática radical. O discurso da preservação ambiental acentuou os riscos ambientais envolvidos, como também o valor paisagístico e cultural do lugar. Os interesses de subsistência foram claramente colocados, com o reconhecimento de mudanças estruturais inerentes à globalização neoliberal, no discurso anti-

---

<sup>56</sup> O incidente se deu pouco após o início da produção da mina, quando mil pessoas buscaram atendimento médico. A causa foi negada pelas autoridades, processadas pela ausência de planos emergenciais. Em Kisladag, também houve resistência local. Informações do relatório de Üstün



imperialista do líder Oktay Konyar. Aliadas à questão do sustento, foram enfatizadas as seguintes dimensões da identidade: comunitária, camponesa e nacionalista. Por fim, a política democrática radical baseou-se nas idéias de cidadania, comunidade e humanidade – eles defenderam seus direitos legalmente instituídos, mas foram alvo de repressão policial, em nome da proteção da propriedade privada (estrangeira) e dos recursos estratégicos “da nação”.

O discurso da coalizão ambientalista destacou o apego do povo à terra onde vive, e uma forte ênfase no localismo foi evidente desde o começo (Çoban, 2004). “Eles articularam esta preocupação através de um discurso de independência e soberania e demonstraram uma determinação política em dispor sobre seu futuro. Eles defenderam a supremacia do Estado de direito em face de decretos governamentais arbitrários e desenvolveram uma reação patriótica aos interesses econômicos das corporações multinacionais. Os direitos constitucionais ‘à vida’ e ‘a viver em um meio ambiente limpo e seguro’ constituíram a espinha dorsal de sua luta, e diversos princípios de desenvolvimento sustentável como os direitos das futuras gerações também tiveram lugar em seu discurso. A luta toda tornou-se uma luta de direitos humanos e direitos ambientais (Orhan, 2006:701) [grifo da autora].

Deste modo, ao se analisar o enquadramento do discurso do movimento, é possível verificar que os ativistas locais se conectaram cognitivamente com símbolos globais para orientar suas reivindicações locais, no processo doméstico de enquadramento global, ou “*global framing*” (Tarrow, 2005)<sup>57</sup>.

Está claro que o movimento ambiental de Bergama se apóia em normas internacionais preexistentes que também se tornaram domésticas na Turquia. Estas incluem os direitos humanos, a democracia, o direito de viver em um meio ambiente sadio, etc. quando eles constroem seu *collective action frame*. Os temas comuns que os habitantes de Bergama usam são direitos humanos, democracia, direito de viver em um meio ambiente sadio, que são *frames* locais, mas são os mesmos que são demandados globalmente. Assim, o movimento de Bergama reflete os processos da globalização do *framing* das demandas de direitos humanos e democracia, assim como a localização de demandas globais de direitos humanos e democracia. (Konak e Gunes, 2003:12).

Nós queríamos que o nosso direito à vida [a viver em um meio ambiente sadio] nos fosse devolvido, e isto nos foi dado pelo sistema judiciário, [o que era nosso principal objetivo] que conseguimos. Contudo, nós não alcançamos nosso objetivo porque o governo não nos deu nosso direito à vida. O governo deveria ser culpado. Ignorou as ordens judiciais. Matar pessoas com armas de fogo ou com cianeto dá

---

Reinart, de 23 de julho de 2006, disponível em <http://www.minesandcommunities.org/article.php?a=6927>.

<sup>57</sup> Framing é “o processo de (re)construção de significados de maneira inovadora para que seja compreensível para audiência, atraia atenção e se encaixe em arenas institucionais favoráveis” (Keck & Sikkink, 1998:2). “*Collective action frames*” são um tipo especial de *frames* cognitivos – que organizam a experiência e guiam a ação – são construídos por organizadores de movimentos para atrair apoio, sinalizar suas intenções e ganhar a atenção da mídia (Tarrow, 2005:61).

no mesmo. Eu consideraria o Estado como o assassino de cem mil pessoas [que moram] aqui... As pessoas que morrem, [recentemente] morrem de câncer. Alguém morreu de câncer ontem... Se este país precisasse de Bergama, nós, como cidadãos, ajudaríamos, mas se a morte está em consideração, nós deveríamos todos morrer juntos; se nós vivermos, deveríamos viver todos. Se parte dos cidadãos vive no luxo enquanto outros grupos morrem, essa é a violação número um de direitos humanos. Eu sou contra este tipo de atitude. (Ativista de Bergama em entrevista a Konak e Gunes, 2003:13-14)

Portanto, os porta-vozes do movimento combinaram o discurso da injustiça ambiental – ainda que não adotassem tal expressão, evocavam a questão da desigualdade – com direitos humanos e democracia. Eles definiram a ameaça ambiental pela via do desenvolvimento econômico como violação de direitos humanos, por significar a retirada do direito de viver em um meio ambiente sadio. Assim, ocorreu a amplificação do enquadramento, pois se apoiaram em normas preexistentes, tentando expandir seu domínio de aplicação, ao dizerem que “problemas ambientais são questões de direitos humanos relacionados à democracia e à justiça. A solução é a democracia direta. O movimento argumenta que o povo local é quem deve decidir se ocorrerá ou não a produção do ouro” (Konak e Gunes, 2003:14).

Por conseguinte, o direito foi usado como instrumento contra-hegemônico e hegemônico. A estratégia jurídica do movimento foi levada à frente no plano nacional e também internacional, mas o líder Konyar reconheceu a importância de manter a pressão política mesmo com decisões judiciais favoráveis. A estratégia jurídica não se mostrou suficiente, quando a íntima relação entre poder e direito foi percebida – a ação coletiva foi importante para denunciar esta “promiscuidade”. Tal conjugação conferiu à estratégia jurídica potencial contra-hegemônico. Consequentemente, a estratégia jurídica não teve efeito individualizante, nem estreitou o debate político. Lembre-se que os habitantes foram acusados de “politizar questões técnicas e jurídicas”, sob manipulação, pois não teriam condições de fazer qualquer julgamento por falta de instrução suficiente. As causas econômicas, sociais e políticas do conflito foram enfrentadas pelo movimento, que não explorou só os impactos ambientais e sociais da mina.

No âmbito da justiça doméstica, o movimento provocou a primeira decisão legal no mundo de banir a cianeto da mineração. Não obstante a vitória nos tribunais, a estratégia hegemônica prevaleceu na prática, pois o governo negou

eficácia às decisões judiciais<sup>58</sup>. Além disso, os camponeses foram sujeitos a intimidações contínuas e prisões arbitrárias. O governo usou forças de segurança pública e a guarda para proteger a mina e o escritório da companhia. Contudo, a repressão não foi tão grande como era de se esperar. No caso em particular, os camponeses teriam se beneficiado de certa tolerância porque o ativismo não desafiava a autoridade. Além disto, a escala em massa dos protestos, e o fato de os camponeses turcos não poderem ser rotulados de terroristas significaram que o Estado foi bem cauteloso em relação à confrontação direta, exceto quando os protestos eram diretamente em torno da área da mina – estes foram confrontados com violência e detenções (Kemer, 2004). Por outro lado, o fato de a província de Izmir ser uma região “modernizada” e livre de conflitos sectários e étnicos ajudaria a explicar a relativa complacência das forças de segurança em relação manifestações do grupo (Arsel, 2005).

É forçoso reconhecer as importantes conquistas do movimento de Bergama, como consecutivas vitórias judiciais, apoio interno e externo, adiamentos e suspensões da operação da mina e a maior abertura para movimentos democráticos. O movimento construiu uma cultura política criativa de protesto popular e rural, num ambiente autoritário, com leis ainda ditatoriais atinentes a manifestações públicas. Também houve uma democratização na comunidade que diz respeito à mudança cultural do papel das mulheres: antes da resistência, não tinham papel na vida pública, não podiam ir a cafés e sentar-se ao lado dos homens; depois, passaram a participar das reuniões, marchar na primeira fileira dos protestos e debater com os homens.

Todavia, a derrota do movimento é óbvia: os aldeões não conseguiram alcançar seu principal objetivo. Ao final, como de praxe nos conflitos que suscitam o ecologismo dos pobres, os dividendos não ficaram no local da exploração, nem geraram renda para as populações atingidas. O grupo social foi desproporcionalmente atingido pelos impactos do empreendimento. Em consequência, verifica-se a decadência do lugar, o declínio populacional,

---

<sup>58</sup> Alguns motivos para a desconsideração das decisões judiciais podem ser elencados, conforme Koçan e Öncü (2002): em primeiro lugar, a separação constitucional de poder privilegia o Executivo em relação ao Legislativo e Judiciário; em segundo lugar, tem-se a ameaça da aplicabilidade da arbitragem internacional, o temor da perda de investimentos diretos estrangeiros, assim como pressões de doadores internacionais; por fim, considere-se o predomínio global do mercado sobre a política, o que se alinha com a lógica do governo turco.

insatisfação generalizada e problemas de saúde atípicos. Os que não têm o poder de se realocar, como o capital global, permanecem no local angustiados, ao verem a desvalorização de seu trabalho e suas terras – a ameaça ao seu sustento.

No próximo capítulo, passar-se-á ao exame das estratégias transnacionais do movimento. Deste modo, ocorre o acesso a instituições supranacionais européias, quando os ativistas se beneficiam das oportunidades presentes no internacionalismo, especialmente na dimensão regional da Europa, como ainda na dimensão global. Tratar-se-á, especificamente, da discussão acerca do conflito de Bergama nos planos institucionais do Parlamento Europeu, da Comissão Européia e da Corte Européia de Direitos Humanos – CEDH.